

## O desenvolvimento das personagens leitoras nos romances *Madame Bovary* e *A carne*

### RESUMO

Veridiana de Souza Guimarães  
e-mail: [veridianasguimaraes@hotmail.com](mailto:veridianasguimaraes@hotmail.com)  
Universidade de Santa Cruz do Sul,  
Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul,  
Brasil

Rafael Eisinger Guimarães  
e-mail: [guimaraes@unisc.br](mailto:guimaraes@unisc.br)  
Universidade de Santa Cruz do Sul,  
Santa Cruz do Sul, Rio Grande do Sul,  
Brasil

O presente estudo tem por objetivo entender a influência da leitura no desenvolvimento das personagens Ema Bovary e Lenita Matoso, dos romances *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1971), e *A carne*, de Júlio Ribeiro (1952), respectivamente. A partir da análise das duas obras literárias, buscamos identificar como a vivência com os livros influenciou nas atitudes das jovens protagonistas, assim como entender o modo como a leitura é descrita nessas obras literárias. Para embasar esta leitura, no referencial teórico nos apropriamos dos conceitos de diversos pensadores, dentre eles Roger Chartier (2001), Aristóteles (1973), Vincent Jouve (2002), Simone de Beauvoir (1980), Rita Terezinha Schmidt (2012) e Nádia Elisa Meinerz (2012). A fim de examinar a relação entre a leitura, as personagens femininas e a desigualdade de gênero, realizamos o processo de análise por meio da comparação das obras literárias citadas. Feito isso, constatamos, a partir da vivência das personagens leitoras de Flaubert e Ribeiro, que a leitura era vista como algo perigoso para as mulheres do século XIX.

**PALAVRAS-CHAVE:** Leitura. Figurações de gênero. Crítica feminista. Ema Bovary. Lenita Matoso.

## INTRODUÇÃO

Seja por prazer, seja para estudar ou para se informar, a leitura é uma atividade indispensável para o desenvolvimento humano. Por meio dela, é possível ter contato com diversos conhecimentos, saber os hábitos de determinado povo, conhecer a cultura de um determinado país e de uma época. Além disso, tal prática estabelece uma relação entre o mundo da imaginação e o mundo em que se vive, bem como uma reflexão sobre esses dois elementos – o ficcional e o real –, tal como se pode observar desde a Antiguidade, a partir, por exemplo, dos estudos de Aristóteles (1973).

Ao longo do tempo, segundo Roger Chartier (2001), o ato da leitura se moldou a partir das atitudes e comportamentos dos/as leitores/as e dos ambientes sociais em que estavam inseridos/as. Nesse percurso, a leitura foi muitas vezes considerada algo proibido para determinados grupos, uma vez que se acreditava que a palavra escrita e o mundo ficcional dos livros pudessem penetrar na intimidade do/a leitor/a promovendo assim uma maior autonomia e liberdade de pensamento. Nesse sentido, por ser vista como um ato de liberdade, a leitura de determinadas obras foi considerada imprópria para o sexo feminino, sendo as leitoras tidas socialmente como seres perigosos. É o que se verifica no contexto do século XIX, recorte temporal a ser observado neste estudo, no qual o cotidiano das moças se resumia em se preparar para um bom casamento e para o exercício da maternidade. As mulheres de comportamento considerado liberal, como forma de marginalizá-las, eram consideradas como impróprias, fora do padrão do que era dito como correto.

Tema de inúmeras obras do cânone literário ocidental – tais como Medeia, de Sófocles, Eugênia Grandet, de Honoré de Balzac, Anna Karenina, de Leon Tolstói, e Lolita, de Vladimir Nabokov, só para citar alguns títulos –, a figura feminina é marcada por variadas proibições no mundo real e na ficção. Desde os primórdios do patriarcado, como bem demonstram Simone de Beauvoir (1980), Sherry Ortner (1979) e Lucía Guerra (2006), dentre outras, o gênero masculino julgou útil manter o feminino em estado de dependência, justificando a pretensa condição de inferioridade da mulher por meio de razões naturais e imutáveis. Como resultado das limitações impostas a elas por vários séculos, foi-lhes negado o acesso à educação e ao conhecimento. Apesar de terem suas vozes silenciadas, as pessoas do gênero feminino conquistaram o direito ao trabalho, ao voto e ao prazer. Contudo, a luta pela igualdade entre gêneros ainda continua. Tendo em vista essas questões, propomos o estudo dos romances *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e *A carne*, de Júlio Ribeiro, com o intuito de analisarmos a questão da leitura nas protagonistas desses dois romances do século XIX. A escolha desses romances se deve ao fato de suas personagens principais – Ema Bovary e Lenita Matoso, respectivamente – apresentarem semelhanças no que diz respeito ao gosto pela leitura e pelo mundo ficcional, além de posicionarem-se, em certa medida, contra o mundo sexista de suas épocas. Nesse sentido, adotando uma perspectiva feminista diante da representação cultural do que é ser mulher, segundo as teóricas supracitadas, buscamos estabelecer possíveis relações entre o mundo real e o mundo da ficção, procurando entender as representações do feminino no imaginário e na cultura a partir de um recorte restrito ao século XIX.

O presente estudo foi construído a partir do método qualitativo. Dentre as técnicas possíveis, optamos pela pesquisa bibliográfica. Por meio dela, descobre-

se o que os/as autores/as, em diferentes épocas, já estudaram e constataram sobre o assunto que vem sendo pesquisado. Conforme Maria Marly de Oliveira (2005, p. 76), uma das vantagens desse tipo de pesquisa é a certeza de que as fontes a serem pesquisadas já são reconhecidas no meio científico. Ao seguir a orientação de Vanice dos Santos e Rosana J Candeloro (2006), a investigação bibliográfica se desenvolverá por intermédio de materiais impressos ou publicados na forma eletrônica. Para embasar este trabalho, nos apropriamos de várias obras, dentre elas as de Simone de Beauvoir (1980), Sherry Ortner (1979) e Lucía Guerra (2006), para refletir sobre a teoria feminista. Para entender a função e a importância da leitura, utilizamos os pressupostos teóricos de Alberto Manguel (1997), Angela Kleiman (2007), Ezequiel Theodoro da Silva (1996), Onici Claro Florês (2008), Wolfgang Iser (1979) e Vincent Jouve (2002). Afim de consolidar a relação entre a literatura, a leitura e as personagens femininas, ao final deste trabalho realizamos o processo de análise por meio da comparação das obras literárias *Madame Bovary* e *A carne*.

Assim o estudo que aqui propomos tem como objetivo entender a possível influência do ato de ler no comportamento das personagens femininas e leitoras Ema Bovary e Lenita Matoso, dos romances *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e *A carne*, de Júlio Ribeiro. Então, primeiramente refletimos sobre a conceituação do termo leitura bem como suas funções na formação dos indivíduos. A partir do apanhado teórico apresentado, buscamos entender como o ato de ler influenciou tanto na construção quanto nas atitudes das personagens protagonistas e como contribuiu para o desfecho das suas histórias. Este trabalho foi elaborado para promover uma abordagem a respeito de uma temática extremamente relevante e complexa: a desigualdade de gênero. Procuramos demonstrar ao longo do trabalho que as diferenças sexuais são construídas socialmente e não só biologicamente.

### **LEITURA: CONCEITUANDO E COMPREENDENDO A IMPORTÂNCIA E A FUNÇÃO DO ATO DE LER**

Aristóteles lê o seu pergaminho sentado numa cadeira almofadada. São Domingos apoia com a mão direita o rosto ao ler seu livro, distanciado do mundo. Os amantes Paolo e Francesa comprimem-se sob uma árvore, lendo um verso que os levará à perdição. Nua, uma Maria Madalena lê um grande volume ilustrado, estendida num pano jogado sobre uma rocha no deserto. A pintura tem, ao longo dos séculos, apresentado diferentes tipos de leitores, bem como as particularidades e os gestos de cada um no momento da leitura. No entanto, apesar das especificidades, desde sempre, o prazer desse ato revela a responsabilidade e o poder que derivam da leitura.

O domínio do ato de ler é um dos itens fundamentais para o desenvolvimento do pensamento humano. Ler pode modificar a vida do indivíduo leitor. Ler é aprender a fazer escolhas, é refletir por meio dos personagens, é fazer novas descobertas, é o que já falava o pensador grego Aristóteles (1991). Segundo ele, é preciso entender e saber lidar com os problemas dentro e fora da ficção, é necessário se colocar no lugar do herói ou até mesmo do vilão da narrativa, o que Aristóteles chamava de catarse. Assim, ler é se conhecer e conhecer o outro, é se colocar no lugar do outro, é adquirir empatia. Ler é instruir-se, é adquirir percepção e compreensão. Ler é isso e muito mais. A leitura é a porta de entrada para o

exercício intelectual, para a liberdade de pensamento, para o estímulo do senso crítico. Ler induz o indivíduo a pensar. Ler é reavaliar a vida a cada página.

Vincent Jouve (2002 p. 136), autor da obra *A leitura*, afirma que “por meio da identificação com as personagens, é de fato a verdade de sua própria vida que o leitor está em condição de apreender: a leitura, ao fazê-lo atingir uma percepção mais clara de sua condição, permite-lhe entender-se melhor”. Em sua obra, Jouve (2002) propõe a análise do ato de ler como uma atividade de cinco dimensões. Primeiramente, segundo o autor, ler é um processo neurofisiológico que envolve o aparelho visual e diferentes funções do cérebro. Ao realizar a leitura é feito “uma operação de percepção, de identificação e de memorização de signos” (JOUVE, 2002, p. 17). Ao ler a página de um livro ou jornal, por exemplo, o sujeito conduz o seu olhar, que não é linear e nem uniforme, de modo a promover a antecipação, estruturação e interpretação das palavras.

Já na segunda dimensão da atividade leitora, a cognitiva, enfatiza-se o processo de percepção e decifração dos signos. Ao converter as palavras e grupos de palavras em elementos de significação, o leitor realiza um importante esforço de abstração. Durante a ação, aquele que lê concentra-se no encadeamento dos fatos, numa prática de progressão e compreensão (JOUVE, 2002).

Se na atividade cognitiva os saberes prévios do leitor são considerados, no processo afetivo, terceira dimensão da leitura, por sua vez, se leva em conta as capacidades emocionais do sujeito que lê. Para Jouve (2002, p. 19), realmente, “o charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita”. Seja pela admiração, pelo riso, pela piedade ou pela simpatia, as personagens provocam o interesse, principalmente, as romanescas.

O emocional e a identificação fazem parte do “jogo textual” (JOUVE, 2002) e da experiência estética, e são fonte de atratividade para o/a leitor/a. Além da afetividade, a leitura tem a sua função argumentativa, a quarta dimensão do ler segundo Jouve (2002). O texto, sendo uma construção criativa com elementos, geralmente, organizados, surge diante do engajamento do/a autor/a perante o mundo e as pessoas. Em outras palavras, a intenção daquele/a que escreve, principalmente, nos textos de ficção, é agir sobre o/a destinatário/a. Desse modo, durante a narrativa, o/a seu/sua criador/a muda ou direciona o comportamento do/a leitor/a e “[q]ualquer que seja o tipo de texto, o leitor, de forma mais ou menos nítida, é sempre interpelado. Trata-se para ele de assumir ou não para si próprio a argumentação desenvolvida” (JOUVE, 2002, p. 21).

O processo simbólico é o último sentido que se tira da leitura, conforme o autor da obra *A leitura*. Em sua dimensão simbólica, a atividade leitora afirma-se ao interagir com a cultura de um povo e de uma determinada época histórica. Jouve (2002, p. 22) cita Thérien (1900, p. 10) para reforçar a sua ideia.

O sentido no contexto de cada leitura é valorizado perante os outros objetos do mundo com os quais o leitor tem uma relação. O sentido fixa-se no plano do imaginário de cada um, mas encontra, em virtude do caráter forçosamente coletivo de sua formação, outros imaginários existentes, aquele que divide com os outros membros de seu grupo ou de sua sociedade.

Uma atividade basicamente humana, ler vai além da ação mecânica de decodificar palavras; em outros termos, não se resume no ato de decifrar o escrito. Assim, precisamos ir além para que haja leitura, pois sabemos que o processo de

ler, tal como o de pensar, depende da nossa capacidade de decifrar e fazer uso da linguagem (MANGUEL, 1997). Para além disso, a leitura associa-se a compreensão, assimilação, imaginação, conhecimento e desenvolvimento intelectual. Aqui apresentamos duas formas de entender o conceito de leitura, a cognitiva e a interativa, sendo que ambas se complementam. Conforme nos lembra Angela Kleiman (2014, p. 10):

A leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados. Essa dimensão interacional, que para nós é a mais importante do ato de ler, está pressuposta neste trabalho; não é o foco da discussão, mas é explicitada toda vez que a base textual sobre a qual o leitor se apoia precisa ser elaborada, pois essa base textual é entendida como a materialização de significados e intenções de um dos integrantes à distância via texto escrito.

Kleiman (2004) conceitua a leitura como uma interação entre as partes do texto, bem como depende de um entendimento entre leitor/a e autor/a. Assim como a autora, Bella Josef (1986, p. 35) diz que um texto pode proporcionar diferentes leituras. Segundo Kleiman (2004) e Josef (1986), o ato de criação não estaria na escrita do/a autor/a, mas na leitura daquele/a que produz o sentido, o/a leitor/a. Diante da importância daquele/a que lê, os conhecimentos prévios, sejam linguísticos textuais ou conhecimentos de mundo, auxiliam o/a leitor/a a dar sentido ao texto que está sendo lido. A produção de sentidos depende da relação entre leitor/a e autor/a, a leitura é a reconstrução de uma obra nova a cada releitura.

A interação texto-leitor/a é de interesse do/a autor/a Jouve (2002). Voltamos a esse pensador para afirmar que, “a leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor” (JOUVE, 2002, p. 61). A participação do/a destinatário/a da obra é de extrema importância, já que é por meio da sua prática de leitura que se define e se concretiza o sentido do material escrito. “Uma obra, contudo, frequentemente diz outra que parece dizer: o destinatário deve decifrar sua linguagem simbólica” (JOUVE 2002, p. 64). Jauss (1978, p. 259 apud JOUVE 2002, p. 138) também fala sobre a recepção da obra por parte daquele que lê.

Uma análise da experiência estética do leitor ou de uma coletividade de leitores, presente ou passada, deve considerar os dois elementos constitutivos da concretização do sentido – o efeito produzido pela obra, que é função da própria obra, e a recepção, que é determinada pelo destinatário da obra – e entender a relação entre o texto e leitor como um processo que estabelece uma relação entre dois horizontes ao operar sua fusão. O leitor começa a compreender a obra nova, ou que ainda lhe era estranha, na medida em que, ao entender os pressupostos que orientaram sua compreensão, reconstitui dela o horizonte especificamente literário. Mas a relação com o texto é sempre, ao mesmo tempo, receptiva e ativa. O leitor pode “fazer falar” um texto, isto é, concretizar numa significação atual o sentido potencial da obra, desde que insira ser pré-entendimento do mundo e da vida no espaço de referência literário envolvido pelo texto. Esse pré-

entendimento do leitor inclui as expectativas concretas que correspondem ao horizonte de seus interesses, desejos, necessidades e experiências tais quais são determinadas pela sociedade e classe à qual pertence como também pela sua história individual.

Como já pode-se perceber, o texto não é uma construção fechada, pelo contrário, permite inúmeras interpretações. O universo textual é sempre inacabado (ECO 1985, p. 171 apud JOUVE 2002, p. 61), assim, o/a leitor/a é convidado/a a completar a narrativa conforme a sua imaginação, seu repertório e suas experiências. Em O jogo do texto, o autor Wolfgang Iser (1979) utiliza a expressão jogo, já citada nesse trabalho, de modo a se pensar sobre a relação autor/a, texto e leitor/a e ainda identificar as operações que são colocadas em funcionamento no processo textual. Dentro do sistema, “os autores jogam com os leitores e o texto é o campo de jogo” (ISER, 1979, p. 107), sendo que, desse ato intencional por parte do/a autor/a, resulta um novo produto que ainda não existia, algo novo é modelado. Ao defender a elaboração de um novo produto a partir da leitura, Iser (1979) critica a tradicional noção de representação defendida pelo pensador grego Aristóteles, na qual uma realidade é pré-estabelecida, o/a autor/a apresenta o processo textual como uma constante criação de sentidos por parte do/a leitor/a.

Ao contrário do que se defendia até então, “[n]o sentido Aristotélico, a função da representação é dupla: tornar perceptíveis as formas constitutivas da natureza; completar o que a natureza deixara incompleto” (ISER, 1979, p. 105). O sistema fechado da representação é substituído por um sistema aberto, no qual o papel do/a leitor/a também é considerado. Aquele/a que lê não apenas observa, mas também participa e se envolve com o processo, e dessa dinâmica resulta um produto final. A vitória e a liberdade do jogo dizem respeito à produção de sentido, ganha o jogo o/a leitor/a que conseguir estabelecer significados ao texto sem deixar de preservar a pluralidade interpretativa. Assim, não se trata de captar um mundo, e sim criar muitos mundos possíveis. Incitar a imaginação e a interpretação do/a leitor/a faz parte do jogo textual, segundo Iser (1979, p. 107):

Assim o texto é composto por um mundo que ainda há de ser identificado e que é esboçado de modo a incitar o leitor a imaginá-lo e, por fim, interpretá-lo. Essa dupla operação de imaginar e interpretar faz com que o leitor se empenhe na tarefa de visualizar as muitas formas possíveis do mundo identificável, de modo que, inevitavelmente, o mundo repetido no texto começa a sofrer modificações. Pois não importa que novas formas o leitor traz à vida: todas elas transgridem – e, daí, modificam – o mundo referencial do texto. Ora, como o texto ficcional, automaticamente invoca a convenção de um contrato entre autor e leitor, indicador de que o mundo textual há de ser concebido, não como realidade, mas como se fosse realidade. Assim o que quer que seja repetido no texto não visa denotar o mundo, mas apenas um mundo encenado. Este pode repetir uma realidade identificável, mas contém uma diferença decisiva: o que sucede dentro dele não tem consequências inerentes ao mundo real referido. Assim, ao se expor a si mesma a ficcionalidade, assinala que tudo é tão-só de ser considerado

como se fosse o que parece ser; noutras palavras, ser tomado como jogo.

Além da função interativa da leitura, existe um processo cognitivo, em que se faz presente a atividade cerebral, como é descrito por Richard Bamberger (2004, p.10):

A leitura foi outrora simplesmente um meio de receber uma mensagem importante. Hoje em dia, porém, a pesquisa nesse campo definiu o ato de ler, em si mesmo, como um processo mental de vários níveis, que muito contribui para o desenvolvimento do intelecto. O processo de transformar símbolos gráficos em processos intelectuais exige grande atividade do cérebro; durante o processo de armazenamento da leitura coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidades de pensamento em sentenças e estruturas mais amplas de linguagem constitui, ao mesmo tempo, um processo cognitivo e um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo de qualidade especial. Esse treinamento cognitivo consiste em trazer à mente alguma coisa anteriormente percebida, e em antecipar, tendo por base a compreensão do texto precedente; a repetição aumenta e assegura o esforço intelectual.

Como já visto, várias são as habilidades desenvolvidas no ato de ler. Como afirma Onici Claro Flôres (2008, p. 21), a atividade leitora é “um trabalho cognitivo intenso, envolvente e desgastante de um corpo-a-corpo entre o leitor – e seu conhecimento prévio – e o autor – e seu texto”. Ciente da forte relação entre aquele que cria e aquele que lê, Antônio José Henriques Costa, Jane Thompson Brodbeck e Vanessa Loureiro Correa (2013) entendem que, de fato, a leitura é um processo de criação de significado, sendo que a construção de sentidos se estabelece por meio da interação dinâmica entre o conhecimento do/a leitor/a, a informação sugerida pela linguagem escrita e o contexto da situação de leitura. Como também confirmam Ingedore Grunfeld Villaça Koch e Vanda Maria Elias (2006, p. 11):

A leitura é, pois, uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo.

Na prática, a partir da construção de sentidos, a leitura “permite a apreensão de outras dimensões do viver” (FLÔRES, 2008, p. 21). Existem vários modos de sentir o ato de ler. Para Gustave Flaubert (apud MANGUEL<sup>1</sup>, 1997, p. 13), é necessário “Ler para viver”, como disse ele, em 1857, em uma carta destinada a uma mulher chamada Leroyer de Chantepie. A frase de Flaubert revela o amor do/a escritor/a pela leitura e, além disso, mostra o efeito da atividade leitora na vida dos sujeitos. Para além de Flaubert, ler é viver em constante crescimento.

Seguindo a tendência de Flaubert, o escritor Franz Kafka (apud MANGUEL<sup>2</sup>, 1997) também forneceu a sua opinião sobre a função da leitura. Segundo ele, o ser humano lia para fazer perguntas. De fato, ler auxilia o/a leitor/a a pensar e a

repensar, provoca inquietações, faz com que o indivíduo aceite ou não as ideias e as opiniões já postas na sociedade. A partir das perturbações e provocações feitas pelo/a autor/a da obra, surgem os questionamentos e as dúvidas do/a leitor/a, assim como defendia Kafka. Retirar o sujeito da cegueira e mostrar-lhe diferentes perspectivas de mundo estão entre os benefícios proporcionados pela leitura. Em suma, a experiência de ler está relacionada à transformação do sujeito leitor. Por meio da habilidade leitora, com o despertar da consciência, é possível se defender e ainda preservar as próprias necessidades. Nas palavras de Flôres (2008, p. 23):

Na verdade, quando se lê, vive-se através da palavra do outro, aceitando partilhar uma experiência de vida adicional, trazida pelo texto, transformando-se com ela, sofrendo ou se alegrando, conhecendo coisas novas, sentimentos desconhecidos, experiências outras, indo além daquilo que acontece consigo mesmo, no dia-a-dia. Aprende-se muito lendo e se vive intensamente.

Dito isso, Ezequiel Theodoro da Silva (1996) reforça o aspecto humano relacionado ao ato de ler. O autor afirma que ler é participar de forma crítica e ativa da comunicação humana. Segundo ele, a leitura é uma forma de participação realizada entre os seres humanos, em que os signos impressos registram as mais diferentes experiências humanas, “[s]endo um tipo específico de comunicação, a leitura é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sociocultural; o livro [...] é sempre a encarnação de uma intencionalidade e, por isso mesmo, ‘sempre reflete o humano’” (SILVA, 1996, p. 41, grifos do autor). Baudry (1988, p. 69 apud JOUVE<sup>3</sup>, 2002, p. 139) também reforça os benefícios do ato de ler. Segundo ele, ao reagir de forma positiva ou negativa à experiência leitora, o indivíduo sai dela inevitavelmente transformado. Desde a infância, a leitura pode propiciar a redescoberta do/a leitor/a enquanto sujeito.

No entanto, os aspectos positivos da leitura nem sempre foram reconhecidos. Segundo Costa, Brodbeck, Correa (2013), nos primeiros séculos, a leitura era uma atividade restrita a determinados grupos sociais. Causa certo estranhamento a ideia de que a leitura seja algo perigoso, afinal, nos dias de hoje, ler é dito como um ato indispensável para o crescimento dos indivíduos. Espera-se com a atividade leitora a formação de sujeitos mais críticos, cidadãos e verdadeiros. Mas nem sempre as leituras foram vistas de forma positiva e, nesse sentido, assinala Márcia Abreu (1999, p. 10). “os desejos de proscrever-las ancoraram-se nas justificativas mais variadas”. Assim, relata Tissot, apud por Abreu<sup>4</sup> (1999, p. 10)

Os inconvenientes dos livros frívolos são de fazer perder tempo e fatigar a vista; mas aqueles que, pela força e ligação das ideias [sic], elevam a alma para fora dela mesma, e a forçam a meditar, usam o espírito e esgotam o corpo; e quanto mais este prazer for vivo e prolongado, mas as consequências serão funestas. [...] O cérebro que é, se me permitem a comparação, o teatro da guerra, os nervos que dele tiram sua origem, e o estômago que tem muitos nervos bastantes sensíveis são as partes que mais sofrem ordinariamente como o trabalho excessivo do espírito, mas não há quase nenhuma que não ressinta se a causa continua a agir durante muito tempo.

A “intemperança literária” (ABREU, 1999) causaria perda de apetite, convulsões, espasmos, irritabilidade, taquicardia, atordoamento, dentre outros sintomas até mais graves que esses. Mesmo diante dos sérios inconvenientes físicos, esses não eram os mais terríveis, já que as leituras poderiam colocar em risco a alma e, por consequência, a moral. A maioria das pessoas acreditava que os materiais escritos divulgavam ideias falsas, além de atacar o pudor e a honestidade. Diante de tantos males, a prevenção seria ler pouco e fazer exercícios, segundo Tissot (1775, p. 11 apud ABREU<sup>5</sup> 1999, p. 11). As mulheres, por exemplo, tinham as práticas de leitura controladas. Elas eram induzidas pelos textos sexistas e pretenciosos, construídos a partir de um discurso patriarcal, a compartilharem os sentimentos antifeministas dos homens. Como lembra Chartier (2001, p. 81), “[a] Escola de mulheres é um bom exemplo disso. Arnolphe quer uma Àgnes leitora, capaz de decifrar e meditar o livro que ele lhe oferece, intitulado *As máximas do casamento ou os Deveres da mulher casada*”.

Assim, as mulheres eram instruídas a se dedicar ao casamento, ao lar e aos filhos, que deveriam ser bons cidadãos. Ou seja, a leitura e a instrução eram dosadas na medida certa para elas. Como relatou Agassiz (apud MORAIS<sup>6</sup>, 1998, on-line), o romance não era considerado como uma leitura conveniente para as mulheres. Assim, destaca Maria Arisnete Câmara de Moraes (1998, on-line) “*Às leitoras do século XIX, conforme se pode observar, recomendava-se a prática de leituras amenas e delicadas, cujas temáticas girassem em torno de amores românticos e bem-sucedidos*”.

“*Sapatos sim, livros não*”. A frase dita por Borges, segundo Alberto Manguel (1997), durante uma das manifestações populistas organizadas pelo governo Perón, em 1950, ilustra a realidade da mulher durante séculos, inclusive no XIX. O mundo onírico dos livros despertava certo pavor naqueles que detinham o poder, os homens, já que esses temiam a ideia de que as mulheres se libertassem da realidade em que viviam.

Para evidenciar o que se sabe sobre as leituras femininas do século XIX, apresentamos a pesquisa de Mônica Yumi Jinzenji (2010), extremamente importante para entender o papel educativo dos jornais na produção da mulher virtuosa e patriota. Ao apresentar a função educativa do periódico *O Mentor das Brasileiras*, impresso em Minas Gerais, entre 1829 e 1832, Mônica Yumi Jinzenji (2010) relata o trabalho cuidadoso do redator ao adaptar os textos provenientes de livros, jornais e cartas. O material era analisado e transformado segundo os crivos morais e políticos da época. Entre as temáticas desse material impresso estava a construção da imagem da mulher como esposa e mãe, funções que revelava papéis de extrema importância na sociedade.

Virtude, conforme definição da época, era entendida como “o exercício dos deveres morais, civis, sociais ou religiosos”. Nesse contexto, a mulher virtuosa, fosse como esposa ou como mãe, traria benefício público, pois se lhe atribuía o poder de exercer sua influência sobre o marido e os filhos, produzindo a “decência pública”. A necessidade de se educar a mulher pode ser entendida como resultante da percepção do seu poder civilizador, ao mesmo tempo em que urgia ser educada, acreditava-se no seu poder educador, já que ela era a responsável pelo cuidado à primeira infância. Em muitos casos, as mães eram, também, as preceptoras das próprias filhas, tanto nos ensinamentos morais quanto nos das

primeiras letras, anteriormente ao período em que a escola se estabeleceria e seria reconhecida nesse papel. Não podemos deixar de destacar a importância que passava a ser atribuída também aos ensinamentos cívicos e religiosos, agregados ao papel de mãe no novo contexto sociopolítico. (JINZENJI, 2010, p. 173)

No século XIX, o gênero feminino era privado de usufruir de todos os benefícios da leitura. A exclusão se dirigia, principalmente, aos aspectos relacionados à libertação, transformação e criticidade da leitora. Foi negado também o direito de se apropriar do efeito catártico da literatura, relacionando à identificação e a purificação. Apesar de, nesse período histórico, ter havido um aumento considerável no número de leitores/as potenciais, a instrução e a educação das mulheres ainda eram limitadas. A elas se destinava uma espécie de alfabetização feminina reduzida apenas à leitura, um tipo de instrução dedicada apenas às moças. No Brasil, por exemplo, a condição de subordinação delas perante a sociedade patriarcal foi percebida pelos viajantes que estiveram no país no século XIX. Diante da presença das poucas mulheres que aqui viram, perceberam a falta de educação dedicadas a elas. Como conta Nádia Battella Gotlib (2003, p. 22) ao apresentar o depoimento de um viajante:

Desde a chegada da corte ao Brasil tudo se preparava, mas nada de positivo se fizera em prol da educação das jovens brasileiras. Esta, em 1815, se restringia, como antigamente, a recitar preces de cor e a calcular memórias, sem saber escrever nem fazer as operações. Somente o trabalho de agulha ocupava seus lazes, pois os demais cuidados relacionados ao lar são entregues sempre às escravas.

As impressões dos/as viajantes estrangeiros/as sobre as mulheres brasileiras no período colonial reforçam a desigualdade entre os gêneros. O universo feminino era conduzido à reclusão social e à ignorância intelectual. Neste sentido, “[m]esmo em meados do século XIX, portanto, a mulher permanece isolada de ambiente cultural. E permanece isolada até do convívio de pessoas na sua própria casa” (GOTLIB, 2003, p. 23). Elizabeth Agassiz (apud MORAIS<sup>7</sup>, 1998, on-line) também contribui a este estudo ao demonstrar o que sabe sobre as leituras femininas do século XIX. Na educação, especialmente, elas sofreram com enormes desvantagens. Quando liam, o ato de leitura era especificamente moldado a elas, sendo que a literatura existente condicionava a aceitação da opressão sexual sofrida pelo gênero feminino.

### **A CONSTRUÇÃO CULTURAL E SOCIAL DA FIGURA FEMININA**

Sobre a ligação entre os seres reais e ficcionais, em diversas obras, as personagens femininas representam a identidade social das mulheres ao longo dos anos, e algumas delas servem para reproduzir e/ou demonstrar à desigualdade de gênero. Desde a Antiguidade, a mulher era tratada como um ser inferior ao homem, como se a submissão fosse um fator natural do gênero humano. A Grécia, por exemplo, já foi palco da discriminação contra a mulher. Retoma-se à época da polis grega, quando as mulheres, os estrangeiros, os escravos e as crianças não eram considerados sujeitos-cidadãos. As mulheres, em particular, eram proibidas de participar dos debates públicos e políticos. (ARISTÓTELES, 1991)

Afim de descrever alguns elementos históricos que contribuiram para a desvalorização do feminino, apresentamos Aristóteles, um dos primeiros pensadores a falar sobre a diferença sexual. “Quanto ao sexo, a diferença é indelével: qualquer que seja a idade da mulher, o homem deve conservar sua superioridade (ARISTÓTELES, 1991, p. 29). Segundo ele, a inferioridade da mulher é explicada por meios naturais, já que, a inteligência dos homens é superior por natureza. “Em todas as espécies, o macho é evidentemente superior à fêmea: a espécie humana não é exceção” (ARISTÓTELES, 1991, p. 13). Na obra *A política*, Aristóteles analisa a família como um tipo de organização similar ao Estado, onde por natureza o homem nasceu para governar, já a mulher deve ser governada. Em sua tese, cujo tom sexista ecoou por muitos séculos na cultura ocidental, defende que o homem é um animal político. Nessa hierarquia, o ser masculino é um animal político e o ser feminino foi construído como uma forma inferior de vida humana.

Assim, em toda parte onde se observa a mesma distância que há entre a alma e o corpo, entre o homem e o animal, existem as mesmas relações; isto é, todos os que não têm nada melhor para nos oferecer do que o uso de seus corpos e de seus membros são condenados pela natureza à escravidão. Para eles, é melhor servirem do que serem entregues a si mesmos. Numa palavra, é naturalmente escravo aquele que tem tão pouca alma e poucos meios que resolve depender de outrem. Tais são os que só têm instinto, vale dizer, que percebem muito bem a razão nos outros, mas que não fazem por si mesmos uso dela. Toda a diferença entre eles e os animais é que estes não participam de modo algum da razão, nem mesmo têm o sentimento dela e só obedecem a suas sensações. (ARISTÓTELES, 1991, p. 15).

Apesar de as primeiras manifestações depreciativas em relação ao feminino datarem da Grécia antiga, conforme Meinerz (2012), uma reflexão mais profunda sobre o papel da mulher e a sua opressão na sociedade iniciou-se de fato com a teoria evolucionista. Para os autores dessa teoria, as formas de família e as relações de gênero evoluíram ao longo da história. Engels (1980), por exemplo, argumenta que já houve um tempo, nas sociedades matriarcais, em que as mulheres dominavam a vida em sociedade devido ao seu poder de procriação. Esse domínio feminino entrou em declínio, segundo Meinerz (2012, p. 47), com o surgimento da propriedade privada e do modelo de família patriarcal, “[essa teoria embasou várias das críticas às condições natural de inferioridade da mulher em relação ao homem e fez prosperar os estudos sobre as condições sociais de opressão feminina”.

Entre os estudos sobre as mulheres está o livro *O segundo sexo*, da autora francesa Simone de Beauvoir (1980), uma obra importante em que ela apresenta e critica a versão biológica utilizada para inferiorizar o ser feminino. Como o próprio nome do livro já sugere, a autora alerta que a mulher sempre foi tratada como o Outro, como secundário/a.

A história mostrou-nos que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constitui concretamente como Outro. Esta

condição servia os interesses dos homens, mas convinha também as suas pretensões ontológicas e morais. (BEAUVOIR, 1980, p. 179)

Como ressaltado por Beauvoir (1980), ao longo dos anos, as diferenças biológicas são utilizadas como justificativa para negar o espaço da mulher na sociedade. Por meio da frase “Ninguém nasce mulher, torna-se mulher”, Beauvoir (1980, p. 9) defende que a desigualdade de gênero não nasce com os indivíduos, mas sim, é resultado das imposições da própria sociedade. A partir desse pensamento, a inferioridade social das mulheres não é fruto de suas características biológicas, mas sim, condicionada às circunstâncias sociais e à educação imposta a elas.

Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. O drama do nascimento, o da desmama desenvolvem-se da mesma maneira para as crianças dos dois sexos. (BEAUVOIR, 1980, p. 9)

Diante da imposição social e a socialização destinadas a elas, a autora procurou esclarecer os mitos e as posições que envolvem a figura do homem e a figura da mulher. Dentre as crenças que envolvem a figura feminina está a sua analogia com a natureza. Assim, Beauvoir (1980, p. 184) diz que a mulher “Ora como aliada, ora inimiga, apresenta-se como o caos tenebroso de que surge a vida, como essa vida, e como o além para o qual tende: a mulher resume a natureza como Mãe, Esposa e Ideia”. Na dupla face da mulher para o homem, em determinados momentos, eles a consomem e a destroem assim como fazem com a natureza.

Outro elemento que reforça a construção cultural e simbólica do ser mulher é a lenda bíblica de Adão e Eva, que também é utilizada como justificativa para explicar a suposta inferioridade feminina, como conta Beauvoir (1980, p. 181): “Eva não foi criada ao mesmo tempo do homem: ela foi fabricada com uma substância diferente, nem com o mesmo barro que serviu para moldar Adão: ela foi tirada do flanco do primeiro macho. Seu nascimento não foi autônomo”.

A recém citada lenda bíblica também demonstra a mulher sendo representada em papéis secundários e o homem como sendo um ser importante para a sociedade. Até mesmo a fecundidade feminina, que poderia ser encarada como um diferencial positivo delas em relação a eles, é encarada como uma virtude passiva. Segundo a pensadora, o fato do corpo feminino servir à procriação a cada 28 dias é usado como forma de opressão contra a mulher.

A mulher? É muito simples, dizem os amadores de fórmulas simples: é uma matriz, um ovário; é uma fêmea, e esta palavra basta para defini-la. Na boca do homem o epíteto "fêmea" soa

como um insulto; no entanto, ele não se envergonha de sua animalidade, sente-se, ao contrário, orgulhoso se dele dizem: "É um macho!" O termo "fêmea" é pejorativo, não porque enraíza a mulher na Natureza, mas porque a confina no seu sexo. (BEAUVOIR, 1980, p. 25)

Outra crítica da escritora francesa é destinada ao pensamento de Sigmund Freud. Para o psicanalista a origem da desigualdade de sexos teria uma justificativa lógica: o espermatozoide se mexe, ao contrário do óvulo que fica na posição de espera. A ideia do pensador, de que a mulher é passiva e o homem está sempre relacionado com a ação, desagrada Beauvoir (1980) que rebate "sexo é destino" e afirma que nada justifica a opressão contra elas.

Entre os vários aspectos que Beauvoir procurou explicar sobre a desigualdade de gêneros está a formação dos indivíduos. A escritora fala da educação social e a relação das crianças com os pais, fatores de legitimação da discrepância entre sexos.

Ao passo que o menino procura a si próprio no pênis enquanto sujeito autônomo, a menina embala a boneca e enfeita-a como aspira a ser enfeitada e embalada; inversamente, ela pensa a si mesma como uma maravilhosa boneca. Através de cumprimentos e censuras, de imagens e de palavras, ela descobre o sentido das palavras "bonita" e feia"; sabe, desde logo, que para agradar é preciso ser "bonita como uma imagem"; ela procura assemelhar-se a uma imagem, fantasia-se, olha-se no espelho, compara-se às princesas e às fadas dos contos. (...) Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher "feminina" é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico; na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade. A imensa possibilidade do menino está em que sua maneira de existir para outrem encoraja-o a pôr-se para si. Ele faz o aprendizado de sua existência como livre movimento para o mundo; rivaliza-se com rudeza e em independência com os outros meninos, despreza as meninas. Subindo nas árvores, brigando com colegas, enfrentando-os em jogos violentos, ele apreende seu corpo com um meio de dominar a natureza e um instrumento de luta. (BEAUVOIR, 1980, p. 20-21).

Para além do brincar de boneca, ao longo da vida, as mulheres conhecem inúmeras regras que lhe são impostas pela sociedade. Entre elas está o casamento. "Em sua maioria, ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se prepararam para sê-lo, ou sofrem por não o ser" (BEAUVOIR, 1980, p. 165), afinal, "o casamento é o único meio de se integrarem na coletividade e, se ficam solteiras, tornam-se socialmente resíduos". (BEAUVOIR, 1980, p. 167). A liberdade de escolha não é um privilégio do sexo feminino, já que são criadas para agradar, seja por meio da beleza ou pelas habilidades domésticas, e servir aos outros. Na infância, por exemplo, segue as instruções do pai e dos irmãos, já na idade adulta é condicionada a outro homem, o esposo. Sobre as obrigações do casamento, "ela sabe exatamente que tarefas a aguardam: as mesmas que sua mãe executava" (BEAUVOIR, 1980, p. 211).

Depois de casada, além de cuidar do lar e do marido, a esposa tem que exercer o papel de mãe e cumprir seu destino fisiológico. Depois de brincar de casinha, de cozinhar e costurar, a mulher assume o peso das obrigações que carrega seu sexo. Sobre as expectativas sociais que são atribuídas ao sexo feminino e a diferenciação universal dos papéis sexuais, Michele Zimbalist Rosaldo (1979) e Louise Lamphere (1979) na obra *A mulher, a cultura e a sociedade*, organizam e apresentam nove artigos que propõem falar sobre esses assuntos. Entre os textos está o da estudiosa Sherry Ortner (1979) intitulado *Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura*. Nesse material, a autora conta que em virtude do papel de mãe, a mulher esteve por muito tempo mais relacionada à esfera doméstica, enquanto o homem se relacionava com a esfera pública, assim, sendo mais valorizado.

Certamente, tudo começa com o corpo e a função de procriação natural, específica somente as mulheres. Podemos extrair três níveis de discussão para os quais este fato absolutamente fisiológico tem importância: (1) o corpo da mulher e suas funções, na maior parte do tempo mais envolvidos com “espécies de vida” parecem colocá-las mais próxima à natureza em contraste com a fisiologia masculina que o liberta mais completamente para assumir os esquemas da cultura; (2) o corpo feminino e suas funções coloca-a em papéis sociais, que por sua vez são considerados como sendo de uma classe mais inferior aos dos homens no processo cultural; (3) os papéis sociais tradicionais femininos, impostos por seu corpo e suas funções, lhe dão, por sua vez, uma estrutura psíquica diferente, que como sua natureza fisiológica e seus papéis sociais é vista como mais aproximada da natureza. (ORTNER, 1979, p. 30).

A relação da mulher com a procriação e sua ligação com as crianças faz dessa mais próxima da natureza, e a coloca em segundo plano no processo cultural. Assim como Beauvoir (1980), Ortner (1979) acredita que o sexo feminino é vítima da espécie: “O corpo feminino parece condená-la à mera reprodução” (ORTNER, 1979, p. 104). Ainda segundo a autora, enquanto as mulheres são responsáveis pela manutenção da família e criam seres percíveis, que são os seres humanos, os homens baseiam sua criatividade “artificialmente” por meios de símbolos e tecnologias. Assim, o corpo feminino é destinado a reprodução, como argumenta Ortner (1979, p. 105) sobre a relação do gênero com a natureza e a cultura:

Portanto, como eu tenho sugerido, se o homem, em toda a parte, é (inconscientemente) associado com a cultura e a mulher parece mais próxima da natureza, a razão para estas associações não é difícil de compreender, basta considerar as implicações do contraste fisiológico entre homem e mulher. No entanto, ao mesmo tempo, a mulher não pode ser destinada à categoria da natureza, pois é perfeitamente óbvio que ele seja um ser humano maduro dotada de consciência assim como o homem.

Ciente que a mulher é um construto simbólico, a estudiosa Rita Schmidt (2012), do mesmo modo que Ortner (1979), argumenta que a histórica submissão da mulher pode ser explicada pelo dualismo natureza/cultura, um modelo que

expõe as distinções entre o humano e o não humano, e entre os seres homem e mulher. “As categorias conceituais da natureza e da cultura constituem um dualismo fundador, muito caro à cultura humanista e o mais duradouro e persistente ao longo da história do mundo ocidental” (SCHMIDT, 2012, p. 2). Além desse binarismo recorrente, a autora apresenta outros modelos que se desenvolveram com as novas teorias ao longo dos anos, esses termos opostos são: mente/corpo; sujeito/objeto; razão/emoção, cabeça/coração. Segundo ela, essas expressões culturais acabam por moldar a realidade da desigualdade. Nesse sentido, “[o]s dualismos presentes na conceituação da diferença produzem uma assimetria de gênero, expressão de uma estrutura de poder político que se legitima através de um sistema de oposições tidas como naturais ou essenciais” (SCHMIDT, 2012, p. 4).

A autora Lucía Guerra (2006) também apresenta em seu texto o dualismo Natureza/Cultura e a relação entre o público e o privado para refletir sobre a condição do ser mulher. Desde os primórdios da humanidade, perante seu ofício, a mulher teve que ficar resguarda no lar, realizando suas tarefas domésticas, ao passo que o homem se dedicava à guerra e à caça. Assim, já na infância, os meninos aprendem a estabelecer laços públicos, longe do lar, e as meninas se dedicam a cuidar da família. “Tipo de trabajo que corresponde a los espacios determinados de la casa y el campo de batalla, razón por la cual, para el niño varón, el ámbito domestico es sólo un nido transitório mientras, en el caso de la niña, se define como espacio perpetuo” (GUERRA, 2006, p. 17). Essa divisão do público e do privado acabou por receber maior evidência na cultura patriarcal, que tem estabelecido ao longo dos anos uma classificação binária: a dicotomia entre o masculino e o feminino.

As mulheres estão inscritas em uma cultura patriarcal e opressora, como pode ser observado a partir da literatura por meio das obras *Madame Bovary* e *A carne*, livros de autoria masculina. Dentro da literatura, por muito tempo, as narrativas eram elaboradas a partir da visão do homem, por esse motivo as mulheres não se enxergavam nessa representação. De fato, a associação entre elas e os livros foi historicamente marcada pela relação de poder. Havia um enorme controle sobre a leitura e a conquista da escrita, já que essas poderiam ser um instrumento poderoso e perigoso de independência. Dessa forma, a leitura, que atualmente é defendida como um meio para a libertação e a informação, foi utilizada como forma de coerção e de doutrinação das mulheres.

### **RELAÇÃO ENTRE LEITURA E PERSONAGENS FEMININAS: UM MOMENTO DE ANÁLISE**

Reiteramos aqui que esse trabalho segue a perspectiva das pensadoras feministas mencionadas ao defender que as mulheres são vítimas do patriarcado, sociedade na qual as diferenças de gênero são construídas culturalmente. Para fugir das imposições sociais do sexo feminino, as personagens leitoras Ema e Lenita buscam a transformação e libertação por intermédio da leitura, um ato que desenvolve muitas habilidades. A seguir, pretendemos demonstrar de forma a leitura opera na construção da personalidade dessas protagonistas.

No caso da primeira obra, a personagem de Flaubert começa a se relacionar com a leitura fora do âmbito do lar, no convento. Lá, segundo o que enfatiza o

narrador de *Madame Bovary*, ela tem acesso a obras literárias proibidas a pessoas do sexo feminino, os romances. Isolada nesse ambiente, convivendo com inúmeras mulheres, Ema vê na leitura um atalho para conhecer o mundo. Por meio dos livros, que são repassados por indivíduos do mesmo sexo – especialmente, pela senhorinha que trabalhava na rouparia –, a moça tem a formação de sua personalidade. Ao contrário de Ema, Helena tem o seu primeiro momento de leitura no aconchego do lar, na presença de uma figura querida que era o seu pai. Lenita, como é carinhosamente chamada, é instruída a ler bons livros e se torna uma leitora, principalmente, de livros científicos - rotulados como obras masculinas -, só na vida adulta desenvolve a sua preferência pelos romances, intitulados como livros feitos para mulheres. Diante disso, é interessante observar, de imediato, uma diferença significativa entra as duas obras postas em diálogo, qual seja, o fato de a personagem de Flaubert ter como instrutora de leitura uma funcionária do convento, ao passo que a personagem de Ribeiro tem como tutor a figura paterna.

Se, por um lado, podemos observar essa diferença, cumpre notar que os dois romances convergem no fato de as mulheres ficcionais de Flaubert e Ribeiro se tornarem leitoras nos anos de formação do caráter e personalidade, no final da infância, início da adolescência. Tal constatação pode ser formulada por intermédio de pistas deixadas nos próprios textos analisados. O narrador de *Madame Bovary* revela que a protagonista, aos 15 anos, sujou as mãos no pó dos gabinetes de leitura do convento. Abaixo o narrador faz referência as escolhas de Ema enquanto leitora.

Muitas vezes as educandas escapavam da aula para encontrá-la. Sabia de cor canções galantes do século passado, que cantava a meia voz, mesmo quando costurava. Contava histórias, trazia novidade, levava recadinhos para fora e, em segredo, emprestava às mais crescidas algum romance que levava no bôlso (*sic*) de seu avental, e do qual ela própria devorava os capítulos inteiros nas horas vagas. Era só amôres, (*sic*) amantes, damas perseguidas que desmaiavam em pavilhões solitários, postilhões assassinados nas estações de muda, cavalos rebentados em todas as páginas, florestas sombrias, perturbações do coração, juramentos, soluções, lágrimas e beijos, barquinhos ao luar, rouxinóis no arvoredado, cavaleiros bravos como leões e mansos como cordeiros, virtuosos como já não há, sempre bem postos e chorando como chafarizes. Durante seis meses, aos quinze anos, Ema sujou as mãos no pó dos velhos gabinetes de leitura. Mais tarde, com Walter Scott, apaixonou-se por coisas históricas, sonhou com armários, salas de guardas e menestréis. Quisera viver nalgum velho solar, como aquelas castelãs de corpetes compridos que, sob os ornatos das ogivas, passavam os dias com o cotovelo apoiado ao peitoril e o queixo na mão, à espera de ver surgir do extremo horizonte algum cavaleiro de pluma branca, galopando num cavalo preto. Por êsse (*sic*) tempo teve verdadeiro culto por Maria Stuart e veneração entusiástica pelas mulheres ilustres e infelizes. (FLAUBERT, 1971, p. 13)

Já, Lenita, aos quatorze anos, é descrita como uma rapariga desenvolvida, com instrução acima do vulgar, uma apreciadora dos livros. Os adjetivos: forte,

desenvolvida, robusta e sadia citados lá me levam a pensar que tal desenvoltura está relacionada a educação da moça e seu papel como leitora. Observe no texto de Ribeiro (1952, p. 19) o relato que enfatiza a superioridade e criticidade de Lenita, uma mulher que passa a maior parte do tempo lendo.

E não tinha nada de pretensiosa, bas-bleu: modesta, retraída mesmo, nos bailes, nas reuniões em que não de raro se achava, ela sabia rodear-se de uma como aura de simpatia, escondendo com arte infinita a sua imensa superioridade. Quando, porém, algum bacharel formado de fresco, algum touriste recém-vindo de Paris, ou de New York queria campar de sábio, queria fazer de oráculo em sua presença, então é que era vê-la. Com uma candura adoravelmente simulada, com um sorriso de desdenhosa bondade, ela enlaçava o pedante em uma rede de perguntas pérfidas, ia-o pouco a pouco estreitando em um círculo de ferro e, por fim, com o ar mais natural do mundo, obrigava-o a contradizer-se, reduzia-o ao mais vergonhoso silêncio.

As temáticas e as escolhas das obras a serem lidas pelas protagonistas revelam o tipo de leitura trabalhada em cada romance analisado. Em *Madame Bovary* é apresentada a leitura de livros mais sentimentais, os romances “cor-de-rosa”, e também as obras romanescas realistas, de cunho mais crítico. Essas últimas são criticadas, especialmente por falarem mal da igreja e de seus princípios. Assim, os romances, principalmente os realistas, não eram aconselhados às mulheres, que deveriam ter acesso a conteúdos mais amenos, nada que pudesse estimular a criticidade. Tal aspecto converge para o que já disseram Chartier (2001) e Morais (1998), que nos lembram do fato de que o gênero feminino era privado de usufruir de todos os benefícios da leitura, principalmente no que dizia respeito à libertação e transformação. Para os autores, a leitura era dosada na medida certa para elas, os materiais impressos deviam contribuir para a construção da imagem da mulher como esposa e mãe.

Diferentemente do que se passa no romance de Flaubert, em *A carne* encontramos dois tipos de leitura feita pela protagonista: a científica e a literária. Em um primeiro momento da narrativa, ainda na adolescência da protagonista, ela se dedica quase que exclusivamente aos livros científicos, lendo também alguns clássicos da literatura portuguesa. Por estar em contato com a ciência e esse saber estar relacionado à razão, “coisa” de homem”, Lenita é apresentada como “masculinizada”, fugindo do que, na visão do narrador, era sua condição natural. Em um segundo momento, depois que toma gosto unicamente pelas obras literárias, e essas serem denominadas de livros de “mulherzinha”, a personagem do romance de Júlio Ribeiro sente-se menos viril, feminina-se. Devido ao fato de a leitura literária estar associada à emoção, e essa estar relacionada às mulheres, Lenita toma consciência da sua condição de fêmea, perdendo, assim sua sede pelo saber científico. É importante assinalar aqui o contexto em se verificar a mudança no interesse de leitura de Lenita, mudança essa que está diretamente ligada à “feminilização” da personagem. Referimo-nos aqui à morte do pai de Lenita, figura central no processo de formação da moça como leitora. Muito embora Lopes Matoso mostre-se arrependido de ter incentivado a filha a ler o tipo de obras que ela leu, uma vez que essas leituras parecem ter exercido influência na visão crítica que ela tem com relação ao casamento e à maternidade, são esses livros que a

tornam uma mulher independente e portadora de uma inteligência superior à média dos homens com quem convive. Por sua vez, com a perda da figura paterna, Lenita entra em contato com textos que, segundo as premissas patriarcais, são mais condizentes com a sua condição de mulher.

Cabe salientar que as narrativas romanescas que se fazem presente nos dois objetos de estudo dessa pesquisa, *Madame Bovary* e *A carne*, são retratadas de maneira diferentes. No texto de Flaubert o romance é descrito como venenoso e perigoso para as mulheres, principalmente, o da escola literária realista. Citamos aqui um trecho da obra, em que a sogra da protagonista critica as atitudes da nora, para comprovar nosso argumento.

- Sabe o que falta à sua mulher? – Observava a mãe. – Ocupações obrigatórias, trabalhos manuais! Se ela fosse obrigada, como tantas outras, a ganhar a vida, não teria esses ares vaporosos, vindo desse mundo de ideias que se meteu na cabeça e dessa ociosidade em que vive.

- Mesmo assim, ela se ocupa – dizia Carlos.

- Ah! Ela se ocupa? Em quê? Em ler romances, maus livros. Obras contra a religião, em que se zomba dos padres com discursos tirados de Voltaire. Mas tudo isso tem fim, meu filho, e quem não tem religião termina sempre mal.

Ficou, daí, resolvido que seria vedada a Ema a leitura de romances. A empresa não era nada fácil. A boa senhora encarregou-se dela: quando passasse em Ruão, iria pessoalmente ao livreiro e dir-lhe-ia que Ema suspendera as assinaturas. Não seria o caso de avisar a polícia, se o livreiro insistisse na sua função de envenenador? (FLAUBERT, 1971, p. 99)

Nessa citação percebemos as convenções sociais impostas as pessoas do gênero feminino, que, segundo o texto de Flaubert, teriam ocupações obrigatórias e manuais como costurar, passar e cozinhar. Outro aspecto relevante nesse trecho do livro é a indicação de que os romances teriam como função envenenar seus/suas leitores/as, assim, podendo haver a necessidade de avisar a polícia, caso o livreiro insistisse em repassar tais materiais. Assim, o narrador de Flaubert reafirma a contribuição de Morais (1998, on-line) para esse estudo, segundo o qual, o romance não era considerado pela sociedade patriarcal como uma leitura conveniente para as mulheres. Na obra de Ribeiro, esse tipo de escrito é dito como uma leitura recomendada a elas. Enquanto Ema é repreendida por estar lendo tais materiais, Lenita é caracterizada como sendo mais feminina a partir do contato com esse tipo de leitura. A personagem começa a ficar mais vaidosa e toma consciência da condição biológica feminina.

No que tange à forma como o ato de ler é descrito nos romances analisados, em *Madame Bovary* percebemos que a leitura se apresenta como sendo perigosa, como um veneno, principalmente quando se lia obras românticas e realistas. O narrador coloca essa crítica na voz da sogra de Ema e mãe de Carlos Bovary. Segundo essa senhora, a mulher devia ter ocupações obrigatórias e se ocupar com trabalhos manuais. Não podia viver no mundo das ideias, lendo maus livros, como romances filosóficos e obras contra a religião. Para ela, essa vida fantasiosa, na qual não se tem religião, não acabaria bem. A subjetividade, as diversas

significações propiciadas pela leitura e a reflexão oriunda da literatura não agradavam o patriarcado. Na obra *A carne* identificamos duas nuances na caracterização da leitura: como perigosa e como edificante. No início da narrativa, quando Lenita ainda lia os livros ditos como masculinos, percebemos que o ato de ler é visto com maus olhos. Para argumentar nossa tese, utilizamos da já referida cena em que Lopes Matoso se mostra arrependido da educação que dera a filha, reproduzindo, a ideia consolidada no patriarcado, de que o saber, especificamente o científico, não podia chegar até elas.

Além disso, ciente da imaginação oriunda da ficção – uma das habilidades desenvolvidas no ato de ler, segundo Flôres (2008) –, a sociedade acreditava que as mulheres não sabiam separar as fantasias dos livros da vida real. Após, em meio a essa primeira interpretação, percebemos também o esforço do autor em caracterizar Lenita como sendo superior e melhor que as outras mulheres, devido a sua capacidade leitora e sua instrução acima do comum. Assim, perante a segunda visão da leitura que nos é apresentada, nos convencemos da importância do ato de ler na transformação do sujeito, do/a leitor/a, e quanto ele é edificante na vida do sujeito. No entanto, percebemos que em ambas as obras analisadas a leitura não é capaz de libertar as personagens femininas da condição de opressão, uma vez que elas não conseguem subverter na totalidade as regras sociais que tanto as sufocavam. Lenita, por exemplo, se conscientiza da sua condição de ser uma simples fêmea e, embora por meio dos livros tenha supostamente adquirido outra mentalidade, uma visão superior do que se espera das mulheres na época, não consegue transformar o seu destino social por meio do ato de ler.

Sendo um dos objetivos deste estudo entender a influência do ato de ler e das preferências de leitura de Ema e Lenita, em ambas as obras analisadas percebemos a dificuldade dessas mulheres em separar a ficção da realidade. A falta de limites quando se fala em imaginação e fantasias é descrita nos dois textos do século XIX, os quais apresentam suas protagonistas femininas como alucinadas, como mulheres que, em meio às leituras que faziam, acabavam por misturar sentimentos e buscavam viver suas vidas de acordo com os livros que leram. Além disso, os dois romances abordam a irritação nervosa de uma mulher, fato que nos faz lembrar do que dissera Tissot, citado por Abreu (1999), sobre as contraindicações, mais precisamente, os inconvenientes físicos oriundos da leitura.

Além da afinidade com a leitura e a dificuldade de separar histórias ficcionais das reais, Ema e Lenita vivenciaram a experiência de ter amantes, que, segundo Flaubert, é um elemento muito presente nos romances lidos por Ema. Inspirada nas suas heroínas literárias, *Madame Bovary*, além do marido, encontra dois amores proibidos, Léon e Rodolfo. Lenita, por sua vez, se torna amante do divorciado Manuel, que, segundo a sociedade da época, não poderia se casar novamente, já que o matrimônio era indissolúvel. Essas personagens femininas, espelhadas nas fantasias da ficção, priorizam seus desejos amorosos e sexuais. Ambas, em diversos momentos, confrontam o mundo, por não aceitarem as convenções postas na sociedade em que vivem. Diante do argumento de que a leitura é destinada aos homens, retomamos as ideias de Beauvoir (1980). Segundo ela, enquanto a mulher permaneceu isolada do ambiente cultural, como “vítima da espécie”, os homens foram associados à esfera pública, sendo mais valorizados.

Por falar em imposição social, o casamento também é abordado nos livros de Flaubert e Ribeiro. Já no início dessas obras literárias, os pais das moças

condicionam o relacionamento amoroso das filhas. Sr. Rouault, pai de Ema, percebeu o interesse de Carlos Bovary e diz “eu a dou” (FLAUBERT, 1971, p. 25), ao analisar as condições morais e financeira do rapaz. O dote era um assunto de extrema importância para Rouault. Nesse primeiro momento, Ema não contesta a união, pois espera encontrar por meio dela a felicidade que conhecera nos livros. Lopes Matoso, pai de Lenita, ainda na sua adolescência, falava sobre a possibilidade de esta se casar, mas ela, ao contrário de Ema, não se demonstrava interessada no assunto. Segundo a moça, se algum dia despertasse a vontade de se casar, casaria, mas não agora. Ao ser contrariado, Matoso fica assustado com a autonomia da filha, demonstra-se arrependido em dar-lhe uma educação acima do comum às mulheres, pois isso, na sua opinião, teria prejudicado emocionalmente a filha. “Lopes Matoso ia despedindo os pretendentes com grandes afetações de mágoa – que a menina não queria casar, que era original, que ele bem a aconselhava, mas que era trabalho baldado, mil coisas enfim que suavizasse a repulsa” (RIBEIRO, 1952, p. 21). Como se pode perceber, o casamento é tido como algo imposto à elas. A respeito disso, Beauvoir (1980) já dizia que o matrimônio é o único meio delas se integrarem na coletividade e não serem vistas como resíduos sociais.

A maternidade também é vivenciada pelas personagens leitoras das obras analisadas. Lenita descreve e reconhece o amor e o afeto que sentira ao descobrir a gravidez no final da narrativa. Ema também se sente encantada perante a novidade, no entanto, ao longo da história, perde o interesse pela filha. O amor materno, conforme ela, não completa o vazio da sua existência inútil, não compensa as proibições oriundas do gênero feminino. Depois do nascimento da filha Berta, Ema vive o momento de ruptura. A personagem, que seguia as regras sociais até esse momento, adequando-se às normas impostas pelo patriarcado, muda o caminho. Após ter superado o tédio que viveu no convento e ter percebido que a felicidade não estava nem no casamento e nem na maternidade, a moça recorre ao adultério. A atitude simboliza um “dane-se a sociedade”. Já a ruptura da obra *A carne* acontece em um momento diferente da narrativa, com a morte do pai Lenita aceita a sua condição natural de mulher e se entrega a sua condição de fêmea reprodutora.

Ema se considerava infeliz pelo fato de ser do sexo feminino. Segundo ela, devido a essa condição, não podia viver a liberdade e a felicidade. Gostaria de viajar, de não dar satisfação da sua vida a ninguém, queria ser livre, sem as imposições e regras sociais. Assim como Ema, no início da história, Lenita não admite ser oprimida e luta para se sobressair em meio às regras impostas a seu sexo. Se sente superior por se apoderar do conhecimento e da leitura e não se considera uma simples “mulherzinha”. No entanto, ao sentir os primeiros desejos eróticos, percebe que não consegue controlar o seu instinto natural de fêmea a serviço da reprodução, fato que a faz sentir-se humilhada e igualada aos demais indivíduos do seu sexo. A personagem de Ribeiro vive um confronto entre o corpo e o desejo, por meio de seu sexo, e a mente, por meio da sua instrução e suposta superioridade perante as demais.

As duas figuras femininas se apropriam da leitura para fugir da discriminação sexual que viviam, buscando criticidade e libertação a partir da informação e do conhecimento. Ao menos por meio da imaginação, proporcionada pela literatura, poderiam vivenciar e experimentar tudo aquilo que almejavam. A influência do ato de ler fica ainda mais evidente no desfecho das obras literárias estudadas. Na

narrativa de *Madame Bovary* e *A carne*, o real e o imaginário confundem as personagens, principalmente na obra de Flaubert. Emma Bovary não vê mais esperanças para a sua vida e, em meio a tanta infelicidade, acaba por suicidar-se. Já no caso de Lenita, a fantasia chega ao ponto de ela pensar que o amante poderia estar tendo relações com outras mulheres, o que faz com que ela o abandone. Assim, os autores, Flaubert e Ribeiro, deixaram subentendido, em suas obras, que o conhecimento, que era consagrado aos homens, devia ser destinado somente a eles, já que, o processo de pensar era proibido às moças do século XIX. Assim, a leitura e os livros são agentes modificadores da conduta das personagens femininas tanto na obra *A carne* quanto em *Madame Bovary*, mas não no aspecto positivo, visto que a imaginação propiciada pela ficção, ao não encontrar respaldo e ressonância na cultura opressora em que elas viviam, acaba por conduzi-las a desfechos extremos e trágicos.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo de descobrir como Ema e Lenita se apropriam dos livros, constatamos que as personagens leitoras femininas se apoderam dos materiais escritos com o intuito de se libertar da condição inferiorizada que era ser mulher no século XIX. Por meio da imaginação, podiam viver como bem desejavam, sem regras e convenções sociais. Ora por meio da leitura solitária, no ambiente privado, ora por meio da leitura compartilhada, no ambiente público, as mulheres ficcionais de Ribeiro e Flaubert associam a figura do livro à ideia de libertação, embora, não consiga se libertar completamente.

Ciente de que as personagens não são seres humanos, apenas problematizam questões da realidade, defendemos que os indivíduos da ficção são elementos de mediação entre a obra e o/a leitor/a, a partir dos quais estes podem ser atingidos pelo processo de identificação. Por meio das protagonistas, aquele que lê pode se enxergar na história. Como projeção das ideias do autor, Ema e Lenita são construídas por meio da ideologia de dois homens, que possuem a sua concepção de mundo real e aceitável – na qual o masculino prevalece sobre os demais seres. Ao mesmo tempo que problematizam a opressão sofrida pelos indivíduos do sexo feminino, reforçam a naturalidade dessa condição.

Após o embasamento teórico e a análise das obras *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert, e *A carne*, de Julio Ribeiro, mais especificamente o estudo das personagens Ema Bovary e Lenita Matoso, constatamos a importância do conjunto para a reconstituição do papel da mulher daquela época, século XIX, e para a constatação de como era o hábito de leitura nessa sociedade. Observamos também que a leitura é dita como vilã no desfecho de ambas as obras literárias, já que as personagens principais, Lenita Matoso e Ema Bovary, não souberam lidar com os romances que leram. A leitura é trabalhada pelos autores Gustave Flaubert e Julio Ribeiro como sendo algo perigoso para as mulheres de suas épocas e, por isso, deveria ser controlada. Assim, eram permitidas a elas o acesso a obras mais amenas ligadas as práticas domésticas e a maternidade.

## The development of the reading characters in the novels *Madame Bovary* and *A carne*

### ABSTRACT

The present study aims to understand the influence of reading on the development of characters Ema Bovary and Lenita Matoso, from *Madame Bovary*, novel by Gustave Flaubert (1971), and *A carne* (*The flesh*), novel by Júlio Ribeiro (1952), respectively. By the analyses of both novels, we try to identify the way how the contact with books has influenced the young female protagonists attitudes, as well to understand the way how reading is described in these books. To underpin this analysis, we appropriate the concepts from several scholars, among Roger Chartier (2001), Aristóteles (1973), Vincent Jouve (2002), Simone de Beauvoir (1980), Rita Terezinha Schmidt (2012), and Nádia Elisa Meinerz (2012). In order to examine the relation between reading, female characters and gender inequality, we conducted an analysis by comparison of the mentioned literary works. After that, we observe, based on the character's experience, that reading was taken as something dangerous to Nineteen century women.

**KEYWORDS:** Reading. Gender figuration. Feminist criticism. Ema Bovary. Lenita Matoso.

## El desarrollo de las personajes lectoras en las novelas *Madame Bovary* y *La carne*

### RESUMEN

El presente estudio tiene por objetivo entender la influencia de la lectura en el desarrollo de los personajes Ema Bovary y Lenita Matoso, de las novelas *Madame Bovary*, de Gustave Flaubert (1971), y *La carne*, de Júlio Ribeiro (1952), respectivamente. A partir del análisis de las dos obras literarias, intentamos identificar cómo la vivencia con los libros ha influido en las actitudes de las jóvenes protagonistas, así como entender el modo como la lectura es descrita en esas obras literarias. Para sustentar este análisis, nos apropiamos de los conceptos de varios estudiosos, tales como Roger Chartier (2001), Aristóteles (1973), Vincent Jouve (2002), Simone de Beauvoir (1980), Rita Terezinha Schmidt (2012) y Nádia Elisa Meinerz (2012). A fin de examinar la relación entre la lectura, los personajes femeninos y la desigualdad de género, realizamos un análisis comparativo de las obras literarias citadas. Hecho esto, constatamos, a partir de la vivencia de los personajes lectores de Flaubert y Ribeiro, que la lectura fue tomada como algo peligroso para las mujeres del siglo XIX.

**PALABRAS CLAVE:** Lectura. Figuración de género. Crítica feminista. Ema Bovary. Lenita Matoso.

**NOTAS**

- <sup>1</sup> MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- <sup>2</sup> MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- <sup>3</sup> JOUVE, Vincent. *A leitura*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- <sup>4</sup> ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Fapesp, 1999.
- <sup>5</sup> ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Fapesp, 1999.
- <sup>6</sup> MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. *Cad. CEDES*. vol. 19 n. 45. Campinas: Julho, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 15 de abril de 2018.
- <sup>7</sup> MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. *Cad. CEDES*. vol. 19 n. 45. Campinas: Julho, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 15 de abril de 2018.

**REFERÊNCIAS**

- ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. São Paulo: Fapesp, 1999.
- ARISTÓTELES. **A Política**. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- ARISTÓTELES. **Poética**. São Paulo: Abril, 1973.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, Unesco, 2004.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. 3. ed. Tradução de Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1980.
- CHARTIER, Roger (org.). **Práticas da Leitura**. 2 ed. Tradução de Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.
- COSTA, Antônio José Henriques; BRODBECK, Jane Thompson; CORREA, Vanessa Loureiro. **Estratégias de leitura em língua portuguesa**. Curitiba: InterSaberes, 2013.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ENGELS, F. **A origem da família da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.
- FLAUBERT, Gustave. **Madame Bovary**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- FLÔRES, Onici Claro. **Linhas e entrelinhas: leitura na sala de aula**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2008.

GOTLIB, Nádía Battella. A literatura feita por mulheres no Brasil. BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé L. (Org.). **Refazendo nós**: ensaios sobre mulher e literatura. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

GUERRA, Lucía. **La mujer fragmentada**: historias de un signo. 3. ed. Santiago de Chile: Editorial Cuarto Propio, 2006.

ISER, Wolfgang. O jogo do texto. In: JAUSS, Hans Robert et al. **A Literatura e o leitor**: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JINZENJI, Mônica Yumi. **Cultura impressa e educação da mulher no século XIX**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

JOSEF, Bella. **A máscara e o enigma**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender**: os sentidos do texto. 2ed. São Paulo: Contexto, 2006

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 11.ed. São Paulo: Pontes, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MEINERZ, Nádía Elisa. Relações sócias de gênero. In: CARVALHO, Ana Paula Comin de [et al.]. **Desigualdades de gênero, raça e etnia**. Curitiba: InterSaberes, 2012. p 42-62.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. **Cadernos CEDES**, vol. 19, n. 45. Campinas: Julho, 1998. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-32621998000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em 15 de abril de 2018.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Ed. Bagaço, 2005.

ORTNER, Sherry. Está a mulher para o homem assim como a natureza para a cultura. IN: ROSALDO, Michelle Zimbalist; LAMPHERE, Louise (org.). **A mulher a cultura e a sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp. 95-120.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Tradução de Viviane Araújo. São Paulo: Edusc, 2005.

RIBEIRO, Julio. **A carne**. 22. Ed. São Paulo: Editora Paulo de Azevedo LTDA, 1952.

SANTOS, Vanice dos. CANDELORO, Rosana J. **Trabalhos acadêmicos**: Uma orientação para a pesquisa e normas técnicas. Porto Alegre, RS: Editora AGE, 2006.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Para além do dualismo natureza/cultura**: ficções do corpo feminino. In: Organon. Porto Alegre, v. 27, n. 52, jul-dez 2012. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/33480/21353>>. Acesso em 01 jul. de 2017.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler**: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura. 7.ed. São Paulo: Cortez, 1996.

**Recebido:** 30 dez. 2018.

**Aprovado:** 08 abr. 2019.

**DOI:** 10.3895/cgt.v12n39.9280

**Como citar:**

GUIMARÃES, Veridiana de Souza; GUIMARÃES, Rafael Eisinger. O desenvolvimento das personagens leitoras nos romances Madame Bovary e A Carne. **Cad. Gên. Technol.**, Curitiba, v.12, n. 39, p. 258-282, jan./jun. 2019.

**Correspondência:**

Veridiana de Souza Guimarães. Linha Taquari Mirim, s/n, Interior, cidade Venâncio Aires, estado Rio Grande do Sul. CEP: 95800000

**Direito autoral:**

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

